

RÉQUIEM PARA MAX

José Antônio de Ávila Sacramento

A Assessoria de Comunicação da UFSJ assim divulgou, em 07/10/2009: *Uma breve cerimônia segunda-feira, 5 [de outubro de 2009], no Centro Cultural, marcou a assinatura do termo de doação à Universidade Federal de São João del-Rei do casarão histórico, denominado Fortim dos Emboabas. O prédio pertencia à família do Almirante da Marinha Max Guedes e fica próximo à Igreja das Mercês, num dos acessos ao bairro Senhor dos Montes. O casarão é parte remanescente de uma fortificação da Guerra dos Emboabas (1707-1709), usada pelos portugueses para se defender dos bandeirantes paulistas que se dirigiam à região aurífera de Minas Gerais. Trata-se da segunda edificação mais antiga de São João del-Rei, correspondendo a um dos exemplos mais característicos da urbanidade do período colonial na cidade. A doação inclui o imóvel e seu terreno, bem como a coleção de arte popular brasileira, com cerca de 100 peças de diversas regiões. No local, a Universidade pretende inicialmente instalar um Centro de Referência do Artesanato e futuramente desenvolver projetos sociais, levando arte, cultura e cidadania a um dos bairros menos favorecidos da cidade.*

A edificação, segundo se acredita, é remanência do que serviu de base para que os portugueses se entrincheirassem à espera dos paulistas durante a Guerra dos Emboabas, no final da primeira década do séc. XVIII. Na década de 1950, o imóvel foi adquirido por Max Justo Guedes para servir como sua residência de férias na cidade, onde nasceu em 06 de agosto de 1927; sobre o fato de ser nascido em São João del-Rei e ter sido registrado no Rio de Janeiro, ele assim se manifestou: *sou um são-joanense esquisito. Apesar de ter nascido aqui fui registrado em outra cidade, mas nunca deixei minhas raízes. Sempre tive contato com São João. Meu trisavô era alemão e não sei por que decidiu morar aqui. Desde então, solidificamos nossa família na cidade.*¹ No final da cerimônia de doação do imóvel para a UFSJ, ao lado de sua esposa Laís, Max Guedes declarou: *sempre passávamos as férias naquela casa; com muita tristeza, fico sabendo que dois meninos, os quais no passado brincavam com os meus netos e freqüentavam a casa, estão presos por delitos que*

¹ Conforme o Jornal Gazeta de São João del-Rei, edição de 10/10/2009.

cometeram. Então, eu tenho muita esperança no projeto social que a UFSJ vai desenvolver lá. A residência é uma das mais antigas do município. Dizem que deve ser da primeira década de 1700. Preservar a arquitetura deste imóvel, que sei que a universidade o fará, e ainda por cima poder oferecer curso para a comunidade próxima da casa é uma idéia que eu tinha há muito tempo; hoje é apenas a consolidação desse projeto.

No início do ano de 2007, enquanto eu estava exercendo a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, cheguei a ser consultado informalmente, a pedido do contra-almirante, via confrade Adenor Simões, sobre a possibilidade de o imóvel ser recebido pelo IHG, oferta que se fosse formalizada certamente seria bem aceita; depois, discutindo melhor o assunto, entendemos que seria mais satisfatório se o imóvel fosse oferecido para a universidade, que teria mais recursos humanos, técnicos e financeiros do que o IHG para ocupar e cuidar do imóvel, bem como ali desenvolver projetos, mantendo-o em atividade e em disponibilidade para o público. Assim, ao percebermos que a doação para a UFSJ poderia ser mais produtiva para a comunidade são-joanense, Ana Maria Parsons, amiga da família do doador, encaminhou a questão formalmente ao Magnífico Reitor da UFSJ, prof. dr. Helvécio Luiz Reis, que aceitou a oferta e viabilizou a dita transferência: *no local pretendemos desenvolver projetos vinculados ao artesanato, teatro, música e artes!*

Em 29 de agosto de 2008, ainda como presidente do IHG, reconhecendo a importância dos signos são-joanenses que nos remetem à tricentenária memória da Guerra dos Emboabas, eu solicitei a atenção do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de São João del-Rei para o “Fortim dos Emboabas”, incluindo a sua área anexa e entorno, sítios situados à Rua Altamiro Flor, no Alto das Mercês/divisa com Sr. do Monte. Em boa hora, estando prometida doação do conjunto à UFSJ, requeri a abertura de um processo visando o tombamento municipal do fortim, especialmente das ruínas que ainda são possíveis de se observar em sua área lateral, as quais merecem ser mais estudadas, datadas e preservadas.² Para auxiliar no trabalho da fundamentação do Conselho, anexei ao pedido um relatório técnico, trabalho da lavra do arquiteto André Guilherme Dornelles Dangelo.

² No final deste texto estão as fotos da casa denominada “Fortim dos Emboabas” e ruínas adjacentes (fotos do autor, em janeiro de 2012).

Max Justo Guedes, apesar de reconhecido como historiador, não era graduado em História; foi discípulo do historiador português Jaime Cortesão (1884-1960), de quem era aluno de História da Cartografia no curso oferecido aos diplomatas e funcionários do Itamaraty, em 1944 e 1945; desde então, aliou sua experiência em náutica com a erudição necessária para análise de fontes cartográficas. Sabemos que o oficial conhecia bem a ciência dos ventos e das correntes marinhas, estudou a história das navegações, decifrou muito bem os mapas antigos, entendeu perfeitamente o funcionamento dos astrolábios e bússolas. Ele compreendeu muito bem a história das grandes navegações e aprofundou-se nas viagens portuguesas e espanholas à América, debruçando-se particularmente sobre os episódios relativos ao descobrimento do Brasil. Com todo o respeito devido a Pedro Álvares Cabral, Max Guedes advogou a tese de que não foi ele o primeiro europeu a pisar no Brasil, mas sim o espanhol Vicente Yañez Pinzón, que chegou um pouco antes à Ponta do Mucuripe, no Ceará, em 26 de janeiro de 1500, batizando o local com o nome de Santa Maria de la Consolación. Eduardo Bueno assim escreveu: *"foi apenas em 1975 que o capitão-de-mar-e-guerra Max Justo Guedes, Diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha Brasileira, estabeleceu, de maneira irrefutável, que Pinzón e seus homens chegaram à ponta de Mucuripe, cerca de dez quilômetros ao sul da atual cidade de Fortaleza, capital do Ceará – a meio caminho entre o cabo Orange e o de Santo Agostinho (veja mapa na página15). Justo Guedes se baseou nos documentos originais que descrevem a jornada de Pinzón, na polêmica judicial que se seguiu à viagem e, acima de tudo, em um mapa feito em 1501 pelo cosmógrafo Juan de la Cosa.*³

Dentre vários outros cargos e funções que exerceu, destaco o de diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (1997- 2003); em sua gestão no PHCM, criou museus e espaços histórico-culturais relacionados com o assunto. Na década de 1970, a bordo de helicópteros, sobrevoou por várias vezes a costa de Porto Seguro, entre a Baía Cabralia e o Monte Pascoal, estabelecendo com precisão mais correta possível o trajeto da frota cabralina que aqui chegara nos idos de 1500. Recebeu diversas condecorações; foi agraciado com o título de *Doctor Honoris Causa* pela

³ In: "Náufragos, Traficantes e Degredados" - vol. II, Coleção *Terra Brasilis*, Editora Objetiva Ltda., 1998, página 12.

Universidade Nova de Lisboa, organizou mostras de arte (foi conselheiro do Museu Nacional de Belas Artes), Conselheiro do IPHAN, conselheiro do Museu Histórico Nacional, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; apresentou numerosas aulas e grande número de conferências, a convite de entidades nacionais e estrangeiras, versando, especialmente, sobre História do Brasil, Cartografia Histórica, História Naval, História da Arte, História Náutica e outras ciências. Observamos que as suas apresentações no Brasil e no exterior, quando não eram em missões oficiais, foram realizadas sem ônus para a Marinha ou para o erário, sendo as passagens e despesas de estadia pagas pelos organismos realizadores dos seminários ou com recursos próprios. O Almirante publicou mais de duas centenas de livros e outras produções técnicas e históricas, demonstrando o seu gosto e vocação para os assuntos pedagógicos e culturais, deixando notáveis colaborações às instituições públicas brasileiras dedicadas à pesquisa e ao ensino da história, especialmente na área naval e cartográfica. Era reconhecido internacionalmente como um dos maiores especialistas na cartografia luso-brasileira. Na abalizada opinião de Iris Kantor, professora de História da USP, foi *graças à atuação e aos trabalhos de Max Justo Guedes que a historiografia da cartografia luso-brasileira renasceu nas universidades brasileiras nos últimos 10 anos*. É bem sabido que o almirante passou a maior parte de sua vida lutando pela preservação e pela divulgação do patrimônio naval brasileiro; se fôssemos divulgar todas as suas benéficas ações e as suas valorosas publicações, não haveria espaço suficiente neste jornal, mesmo que para isto usássemos todas as páginas desta e de outras edições do **Jornal de Minas**.⁴

Curiosamente, encontrei nos registros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a indicação de que Max Justo Guedes era sócio correspondente do IHG de São João del-Rei. Fui conferir nas revistas do sodalício, as quais sempre trouxeram a relação nominal dos integrantes do corpo social da entidade; encontrei o registro do nome dele, pela primeira vez, na página 109 do volume III, datado de junho de 1985; tal registro permaneceu inalterado até a publicação volume IX (ano de 2000), sendo que o nome desapareceu na relação do volume X (ano de 2002). Já me penitenciando pelo lamentável equívoco cometido nas revistas XI (ano de 2005) e XII

⁴ Este texto foi publicado originalmente no *Jornal de Minas* – Ano XII, Edição nº 177, de 03 a 09 de fevereiro de 2012, pág. 2 - São João del-Rei - MG.

(ano de 2007), quando, inocentemente e/ou inadvertidamente, por estarmos baseando na relação advinda da décima edição, atualizamos a relação dos sócios, e, conseqüentemente, o nome de Max Justo Guedes não figurou mais na listagem. Assim, através destas linhas, ainda que tardiamente, venho sugerir à atual presidência da Casa de História e Geografia de São João del-Rei que possa prestar-lhe as devidas homenagens e, ao mesmo tempo, como simbólico preito de reconhecimento, restabelecer-lhe o nome a partir da próxima edição da publicação, incluindo-o, agora, infelizmente, no rol dos sócios falecidos, já que a historiografia brasileira ficou um tanto quanto mais enlutada desde o mês de novembro de 2011. *Requiescat in pace, Max!*

